

internacional

internacional@jornalcomercio.com.br

Economista americano critica tarifaço de Trump

Mitchell teme guerra comercial entre as nações como retaliação

/ ESTADOS UNIDOS

Ana Carolina Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br

Em entrevista ao **Jornal do Comércio**, o economista americano Daniel Mitchell - que será um dos palestrantes da 38ª edição do Fórum da Liberdade - criticou o aumento de taxas anunciado pelo presidente dos EUA, Donald Trump. De acordo com ele, as medidas econômicas afetam não apenas o comércio internacional, mas também, o próprio mercado interno do país.

“O que acontece com o protecionismo é que ele tem um terrível efeito cascata em toda a economia, porque cria uma pista de obstáculos que torna mais difícil para os empresários satisfazer as necessidades dos consumidores”, avalia.

Mitchell ainda ressalta que, como reação ao protecionismo trumpista, outros países devem anunciar medidas de retaliação, iniciando uma “guerra comercial”. “Se outro país tenta te afetar, você vai querer responder. E é



TÂNIA MEINERZ/JC

Especialista afirma que medida repete erros cometidos no passado

por isso que as guerras comerciais são tão idiotas, porque encoraja os governos a tomarem medidas que prejudicam suas próprias economias e seus próprios consumidores. Trump está iniciando essa briga porque não entende o comércio”, complementa.

Segundo ele, as decisões de Trump repetem o erro do ex-presidente americano Herbert Hoover, que sancionou a Tarifa Smoot

- Hawley em 1930 como resposta à Grande Depressão, iniciada em 1929. Na ocasião, a medida buscava ampliar o protecionismo norte-americano ao aumentar a tarifa para produtos importados, ocasionando retaliações de outras nações. “Uma das razões para ter sido tão danosa não é apenas porque os EUA atiraram no próprio pé com as taxas, mas porque outros países responderam”, pontua Mitchell.

Saúde do papa é estável, mas aparições públicas são incertas

/ VATICANO

Mostrar sua fragilidade ou tornar-se invisível? A convalescência do papa Francisco abriu uma nova etapa em seu pontificado e representa um desafio para sua imagem pública, que em alguns aspectos evoca a agonia de João Paulo II, morto em 2005 após longo período de doença.

No dia 23 de março, quando teve alta hospitalar, a primeira aparição pública do pontífice após cinco semanas de ausência surpreendeu. Em cadeira de rodas, de um balcão do Hospital Gemelli de Roma, o mundo viu um homem de 88 anos debilitado por uma pneumonia bilateral que quase lhe custou a vida, incapaz de levantar os braços. Após balbuciar algumas palavras com voz entrecortada, Francisco pareceu ficar sem ar e fez uma careta. Poucos minutos depois, reapareceu em um automóvel que o levou de volta ao Vaticano com cânulas nasais para poder respirar.

De acordo com atualização feita pelo Vaticano nesta terça-feira, o estado de saúde é estável e Francisco continua se recuperando em sua residência na Casa Santa Marta, no Vaticano. Seus exames de sangue estão normais e uma ra-

diografia de tórax recente indica uma melhora em seus pulmões. O papa continua com as terapias prescritas por seus médicos. “Suas habilidades motoras, respiração e uso da voz continuam a mostrar melhora. A oxigenação de alto fluxo é usada principalmente à noite e conforme necessário”.

Francisco concelebra a missa todas as manhãs na capela do segundo andar da residência Casa Santa Marta, onde continua se recuperando. “O Santo Padre também preparará uma homilia para a missa de domingo pelo Jubileu dos Doentes e Profissionais da Saúde, e os preparativos para o Angelus no domingo devem ser discutidos na próxima reunião, marcada para esta sexta-feira.

Desde sua aparição pública após receber alta, o jesuíta argentino tem sido quase invisível. Francisco, que nunca quis diminuir seu ritmo de trabalho, agora é obrigado a um descanso estrito por pelo menos dois meses, e vive recluso na residência Santa Marta, no Vaticano, sem atividade pública. Mas, em meio ao ano do Jubileu e com a Páscoa, a festa mais importante do calendário católico, se aproximando, sua presença continua sendo muito importante para os fiéis.

Junta de Mianmar anuncia cessar-fogo temporário após terremoto

/ TRAGÉDIA

A junta militar que governa Mianmar anunciou, ontem, um cessar-fogo temporário na luta contra os grupos armados que ocupam regiões do país, para ajudar na recuperação após o terremoto de magnitude 7,7 que atingiu a nação do Sudeste Asiático na semana passada.

Em comunicado, a junta disse que a trégua começa imediatamente e prosseguirá até 22 de abril, “com o objetivo de acelerar os esforços de ajuda e reconstrução e manter a paz e a estabilidade”. Os militares estão no poder em Mianmar em fevereiro de 2021, alegando fraude nas eleições do ano anterior, quando o partido da vencedora do Prêmio Nobel da Paz Aung San Suu Kyi, a Liga Nacional para a Democracia (LND), conquistou vitória contundente. O golpe encerrou período de dez anos de democracia no país.

O tremor da última sexta abalou uma região que abriga 28 mi-

lhões de pessoas, derrubando prédios, destruindo comunidades e deixando muitos sem comida, água e abrigo. A junta foi acusada por grupos de direitos humanos de retardar os esforços humanitários mantendo medidas de segurança rigorosas em algumas áreas duramente atingidas pelo terremoto.

Quase 2.900 pessoas morreram desde a última sexta-feira, segundo dados mais recentes da junta militar. As possibilidades de encontrar sobreviventes são cada vez menores, mas o resgate de dois trabalhadores entre os destroços de um hospital de Naypyidaw, a capital, manteve as esperanças. Em Mandalay, um homem foi retirado dos escombros em condição estável após 120 horas, segundo a Xinhua.

Em meio ao caos que o país vive, o chefe da junta de Mianmar, general Min Aung Hlaing, vai viajar nesta quinta à Tailândia para uma cúpula regional de um grupo de cooperação econômica que inclui a maioria dos países vizinhos.

Primeira-ministra da Dinamarca chega à Groenlândia

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A primeira-ministra dinamarquesa, Mette Frederiksen, iniciou viagem para a Groenlândia ontem para uma visita de três dias com o objetivo de construir a confiança dos líderes groenlandeses, em um momento em que o governo Trump busca o controle do vasto território ártico. Mette Frederiksen anunciou planos para sua visita após o vice-presidente dos EUA, JD Vance, ter visitado uma base aérea americana na Groenlândia na semana pas-

sada e acusado a Dinamarca de investir pouco no território.

A Groenlândia é uma ilha rica em minerais e estrategicamente crítica, tornando-se mais acessível devido às mudanças climáticas. Trump afirmou que a massa terrestre é essencial para a segurança dos EUA. Ela faz parte da América do Norte, mas é um território semiautônomo pertencente ao Reino da Dinamarca.

A primeira-ministra deve se reunir com o novo líder groenlandês, Jens-Frederik Nielsen, após

uma eleição no mês passado que resultou em um novo governo. Nielsen afirmou no último fim de semana que os EUA não ficarão com a Groenlândia, em reação às afirmações de Donald Trump de que os norte-americanos assumirão o controle do território insular.

Mette também deve se encontrar com o futuro Naalakkersuisut, o gabinete ministerial, durante a visita que se estende até sexta-feira. “Tenho o mais profundo respeito por como o povo groenlandês e os políticos groenlandeses lidam com a grande pressão que há sobre a Groenlândia”, disse ela em comunicado oficial.

Na agenda, estão conversas com Nielsen sobre a cooperação entre Groenlândia e Dinamarca. Há anos, o povo da Groenlândia, com uma população de cerca de 57 mil pessoas, trabalha para alcançar a independência da Dinamarca. As ameaças do governo Trump de assumir o controle da ilha de qualquer maneira, possivelmente até com força militar, irritaram muitos na Groenlândia e na Dinamarca.



MADS CLAUS RASMUSSEN/RITZAU SCANPIX/AFP/JC

Mette anunciou planos para sua visita após a ida do vice dos EUA